OPINIÃO SOCIALISTA

PSTU

Nº595

De 29 de julho a 12 de agosto de 2020

Ano 23

LIT-QI Liga Internacional dos Trabalhadores Quarta Internacional

R$2 | (11) 9.4101-1917 | PSTU Nacional | www.pstu.org.br | @pstu | Portal do PSTU | @pstu_oficial



CHEGA!

QUASE 100 MIL MORTOS

42 BILIONÁRIOS LUCRAM US$ 34 BILHÕES

METADE DOS TRABALHADORES SEM EMPREGO

FORA BOLSONARO E MOURÃO!

EM DEFESA DA VIDA, DO EMPREGO, DA RENDA E DOS DIREITOS

Justiça é leve para os ricos e pesada para o pobre

Entrevista com Mirtes Renata de Souza, mãe do menino Miguel Otávio, de cinco anos, que morreu após cair do nono andar de um prédio de Recife (PE) **Página 5**

Roubar mais dos pobres pra dar aos ricos

Reforma tributária do governo vai fazer você pagar mais impostos para desonerar banqueiros e grandes empresários **Página 6**

7 de agosto é dia nacional de luta pelo Fora Bolsonaro

Centrais sindicais, partidos, entidades e movimentos que compõem a campanha "Fora Bolsonaro" definiram data de luta contra governo **Página 4**

PDF INTERATIVO CLIQUE NO QR CODE > DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

páginadois

CHARGE



Falou Besteira



“Ah, não tem comprovação científica que seja eficaz.’ Mas também não tem comprovação científica que não tem comprovação eficaz. Nem que não tem, nem que tem.”

Bolsonaro, em live sobre cloroquina do dia 15/7/2020

Revolução dos bichos



Depois de ser bicado duas vezes pelas emas criadas no Palácio do Alvorada, Jair Bolsonaro virou meme na internet. Entre as piadas, tem gente falando de uma “Revolução dos Bichos” versão 2020, numa alusão ao famoso livro do escritor britânico George Orwell. Outros reforçam a tese relacionando a cobra naja que picou recentemente um playboy traficante de animais em Brasília. “São os bichos antifascistas”, postaram. Mas Jair Bolsonaro não desistiu e viralizou na internet de novo depois de ser fotografado mostrando uma caixa de hidroxicloroquina para as emas. Na imagem, o bicho elegantemente dá as costas ao presidente meme ambulante, demonstrando que nem ela confia no suposto poder curativo da cloroquina. Como disseram na rede: “Ema recusa cloroquina e gado segue sendo única espécie a acreditar no remédio.”

Humilhação

A Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) afirmou ao Supremo Tribunal Federal (STF) que a sala de situação instalada junto ao Governo Federal para discutir o combate ao coronavírus entre indígenas foi palco de tratamento humilhante. A entidade disse que os representantes do governo fizeram discursos de tom ameaçador. A sala, uma espécie de “gabinete de crise”, foi criada após decisão de Luís Roberto Barroso, ministro do STF, no sentido de proteger a saúde dos indígenas diante da COVID-19. A reunião foi realizada no último dia 17. “A experiência vivida por eles foi de um tratamento desastroso, humilhante e constrangedor, situação à qual nenhum cidadão merece passar, sobretudo diante de autoridades do governo brasileiro”, diz a entidade. O ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), Augusto Heleno, disse na reunião que o governo atenderá apenas indígenas em terras demarcadas e que o restante será tratado como “produtor rural”. A representação indígena afirma ainda que o secretário especial de Saúde usou tom ameaçador e vexatório, além de chamá-los de “cínicos, levianos e covardes”.

Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.
CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPOSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA **WhatsApp**
Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta
(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Construir uma alternativa socialista

A realidade do país segue tendo como pano de fundo uma combinação entre pandemia e crise econômica, social e política. Tudo comandado pelo governo genocida, ultraliberal e autoritário de Bolsonaro.

Estamos nos aproximando das 100 mil mortes, em números subestimados e sem sinal de queda. São cinco Brumadinhos por dia. Se no início da crise havia certa diferença entre Bolsonaro e os governadores, agora não há nenhuma na prática. Fazem o que exigem os bancos e as grandes empresas: mandam a classe trabalhadora ao abatedouro.

O que manda é o lucro. É assim também com o desemprego. As empresas seguem demitindo a rodo. Além disso, as grandes empresas fazem chantagem buscando “passar a boiada”, combinando uma ofensiva das empresas por retirada de direitos e rebaixamento de salário, com iniciativas no governo e no Congresso.


Foto: Marcos Corrêa/PR
Publicado no Jornal Grande Bahia

Tentaram isso com os metroviários de São Paulo, que reagiram. Além de exporem a classe à pandemia e avançar a privatização, foram para cima rebaixar salário e retirar direitos. Querem fazer a mesma coisa com os trabalhadores dos Correios, uma das empresas mais eficientes do ramo. E com a Petrobras e o Banco do Brasil. No setor privado não é diferente, como na Renault do Paraná, onde querem demitir 747 operários. Como os metroviários, os metalúrgicos responderam com greve.

Para completar, vão acelerando a entrega do país, desmontando e privatizando o que resta de público e estatal, tirando uma “lasquinha” desse desmonte e espoliação para a burguesia brasileira, milicianos e corruptos.

BOLSONARO “PAZ E AMOR”

Nesta semana saíram pesquisas indicando que Bolsonaro estabilizou ou até diminuiu sua rejeição. Nada que mude o fato de que a maioria da população o considera ruim e péssimo, em especial a classe operária e trabalhadora dos grandes centros.

A pergunta que todo mundo faz é: por que ele não cai de vez? Isso provavelmente se explique pelo fato de que a mísera renda básica de R$ 600 que hoje atinge metade do que seria a mão de obra disponível no mercado de trabalho, um setor que vivia de Bolsa Família, significa uma melhoria no nível de vida.

Por outro lado, Bolsonaro está tentando emplacar a tese de que o desemprego é responsabilidade dos que defendiam quarentena. Por fim, ao abraçar o centrão e tirar de cena seus filhos protofascistas e parar de fazer manifestação pró-golpe, ficou quieto, distensionando as provocações pró-ditadura. Com isso, ganhou o apoio da burguesia.

A OPOSIÇÃO QUE NÃO É O MESMO, MAS É IGUAL

Junte a isso o fato de que não tem uma oposição à altura. O papel de oposição ficou para os governadores quando pareciam defender quarentena. Apesar de não serem o mesmo, são iguais, exceto pela possibilidade – afastada completamente hoje – de impor uma ditadura.

Essa oposição tem poucas diferenças com Bolsonaro no que se refere a projeto econômico e ataques aos trabalhadores e à soberania do país. Tanto é assim que governadores da oposição e o Congresso aplicam as mesmas medidas em favor da burguesia e contra os trabalhadores. O govenador do Maranhão, Flávio Dino (PCdoB) acaba de propor um pacto com Bolsonaro!

A LUTA E A UNIDADE

A primeira tarefa é organizar e unir as lutas contra o governo e a patronal. Estamos a favor de toda unidade para lutar. A favor de toda unidade de ação para derrotar e, se possível, derrubar Bolsonaro e sua corja, bem como uma frente única para defender a classe trabalhadora contra os ataques da classe dominante.

É necessário cercar de solidariedade as lutas e greves que existirem e defender a luta dos trabalhadores de aplicativos, dos indígenas; a greve dos professores em defesa da vida e contra a volta às aulas no meio da pandemia etc.

Contudo é preciso construir a mobilização unificada. É preciso debater na base a necessidade da unidade para lutar e a preparação de uma greve geral. Nesse sentido, o dia 7 de agosto, apontado como dia nacional de luta em continuidade ao 10 de julho, será fundamental.

CONSTRUIR UMA ALTERNATIVA

Assim como é necessária a unidade para lutar, é preciso construir uma alternativa socialista ao governo autoritário de Bolsonaro e a seu projeto de ditadura e semiescravidão. Um obstáculo importante para derrubar Bolsonaro é a ausência de uma oposição de verdade, pois a oposição burguesa de centro-direita, como Doria, Huck, Witzell e outros, não significa nenhuma mudança.

Da mesma forma, os partidos da esquerda no parlamento não oferecem nenhuma perspectiva ou projeto de melhoria de vida. O PT almeja uma boa localização nessas frentes amplas com a burguesia. Já o PSOL é de fato um puxadinho do PT. O programa do PSOL não tem qualquer compromisso com a luta pelo socialismo. Pelo contrário, a direção do partido tem como estratégia a disputa eleitoral. Todos defendem, a seu modo, um programa capitalista por dentro da ordem.

Essa alternativa socialista e revolucionária, porém, não vai nascer de forma espontânea. É preciso construí-la desde já.

**LEIA NO SITE:
HTTPS://BITYLI.COM/Q6EUC**

DIA DE LUTA

7 de agosto é dia nacional de luta pelo Fora Bolsonaro

Em reunião no dia 21, centrais sindicais, partidos, entidades e movimentos que compõem a campanha "Fora Bolsonaro" definiram o 7 de agosto como o segundo Dia Nacional de Lutas e Mobilizações

ROBERTO AGUIAR,
DA REDAÇÃO

"É muito importante a construção da unidade pra lutar em defesa da vida, contra este governo genocida, de ultradireita, que está levando a classe trabalhadora ao matadouro. É preciso organizar plenárias nos estados, construir esse movimento por baixo. As mobilizações do dia 10 de julho poderiam ter sido maiores, mas a cúpula das centrais, à exceção da CSP-Conlutas, não fez quase nada em suas bases", pontuou Atnágoras Lopes, membro da Secretaria Executiva Nacional da CSP-Conlutas.

A campanha "Fora Bolsonaro" também aprovou a construção do "Stop Bolsonaro" no dia 23 de agosto e a participação no Grito dos Excluídos, no dia 7 de setembro.

CSP-CONLUTAS

Nos dias 23 e 24 de julho, a CSP-Conlutas realizou, de forma virtual, a reunião da Coordenação Nacional, que contou com 225 delegadas e delegados, 226 observadoras e observadores e nove representantes da juventude e da luta contra as opressões. "Num momento crítico de pandemia, a reunião foi um marco para a central. Fizemos um rico debate sobre a conjuntura atual, aprovamos um calendário de lutas que deve ser organizado pelas bases, tendo como tarefa número um a luta pela derrubada de Bolsonaro e Mourão", disse Atnágoras.

A reunião nacional da CSP-Conlutas refletiu as diversas lutas que estão ocorrendo pelo país. No painel "Campanhas e lutas", trabalhadores químicos, dos Correios, da Saúde e da Educação públicas, da limpeza urbana, da Embraer; entregadores de aplicativos, petroleiros, metroviários, bancários; movimentos de ocupações urbanas, de luta contra as opressões (mulheres, negros e negras e povos indígenas), relataram processos de luta e enfretamento que estão realizando contra os governos e os patrões.



Geraldo Rodrigues, da Federação Nacional dos Trabalhadores dos Correios e Telégrafos (Fentect), falou dos ataques que o governo Bolsonaro tem feito à categoria. "Avança o processo de privatização dos Correios, combinado com uma série de ataques aos trabalhadores, com a ajuda da imprensa, que tem divulgado matérias falando que somos privilegiados, como fez a revista Veja. A categoria segue trabalhando na pandemia, com vários trabalhadores contaminados e dezenas de mortes. O que a direção da empresa apresentou como recompensa por arriscarmos nossas vidas diariamente foi uma proposta de acordo coletivo na qual foram retiradas 70 das 79 cláusulas atuais. Isso é um absurdo. Por isso, pro dia 4, está marcada a greve geral dos trabalhadores dos Correios", afirmou Geraldo.

Eduardo Henrique, diretor do Sindipetro-RJ, relatou a situação dos trabalhadores da Petrobras, que também estão sendo atacados em meio à pandemia. "A Petrobras está batendo recorde de produção e exportação, mas segue seus ataques aos direitos dos trabalhadores, inclusive com redução dos nossos salários. Esconde os dados do número de petroleiros contaminados e mortos pela COVID-19. A direção da empresa e o governo seguem o plano de desinvestimento, que começou no [governo] Dilma. Hoje, áreas inteiras de extração estão sendo abandonadas, principalmente, nas regiões Nordeste e Norte. Oito já estão na lista para serem vendidas. Daí a importância do fortalecimento da campanha em defesa da Petrobras 100% estatal, sob o controle dos trabalhadores, contra a sua privatização", defendeu Eduardo.

Raquel Tremembé, que representa os povos indígenas Tremembé do Maranhão, denunciou a falta de políticas públicas do governo Bolsonaro para combater o avanço do coronavírus nas tribos indígenas. "A situação é crítica. O número de indígenas contaminados é superior aos divulgados pelo governo, que fala que são somente 2 mil indígenas. É estimado que esse número é 500% a mais", frisou.

Ela ressaltou que as barreiras de isolamento não são respeitadas por madeireiros e grileiros, que seguem entrando nas terras indígenas e levando o vírus. "A falta de políticas públicas é uma situação antiga que só se intensificou com a pandemia. A política do governo Bolsonaro é dizimar os indígenas, daí a sua política de despejar a cloroquina em nossas comunidades, como se fossemos cobaias e nossas vidas não tivessem importância. Isso é um verdadeiro ataque aos povos tradicionais", disse Raquel.

LEIA NO SITE:
HTTPS://BITYLI.COM/BO9PC

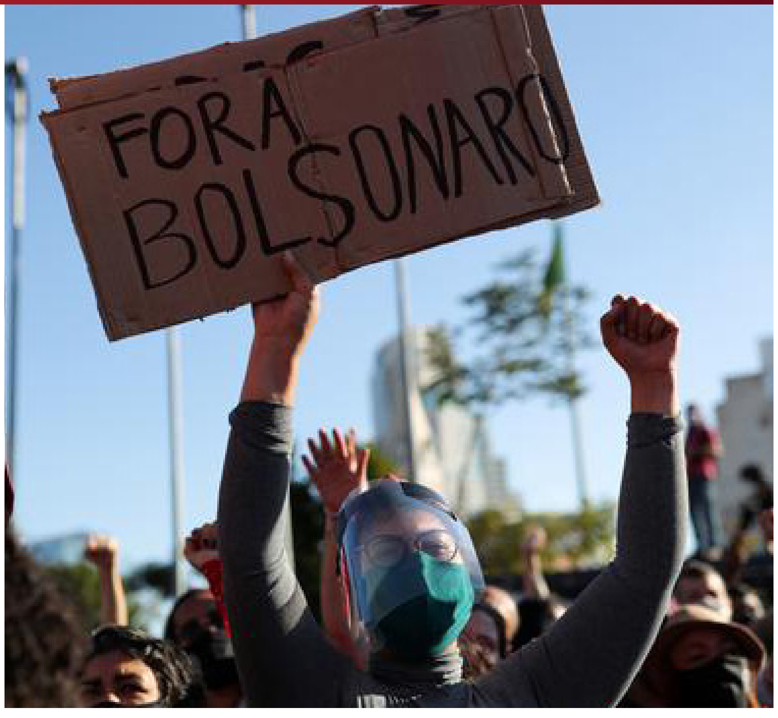
REUNIR FORÇAS

Unificação das lutas

Governos e patrões têm jogado a conta da crise nos trabalhadores e enviando-os para o abate. Mas há reação. "A polarização social que já existia, fruto da crise econômica que se arrasta desde 2008, ganhou maiores proporções com a pandemia. Os patrões e os governos se unem contra os trabalhadores, daí a importância de unirmos as lutas e mobilizações, para derrotarmos nossos inimigos", destacou Atnágoras.

"Os trabalhadores têm demonstrado disposição de luta. Temos que seguir o exemplo dos metroviários de São Paulo, que organizados e fortemente mobilizados pela base, impuseram uma derrota ao governador João Doria (PSDB), que queria retirar vários direitos e reduzir 10% dos salários", acrescentou.

Atnágoras alertou sobre a necessidade de apresentar uma alternativa socialista neste processo de lutas e mobilizações. "A pandemia mostrou a face cruel deste sistema, no qual o lucro é mais importante que vidas. Enquanto mais de 85 mil famílias choram as mortes da COVID-19, o patrimônio dos super-ricos brasileiros cresceu US$ 34 bilhões. Isso mostra que o capitalismo não serve ao conjunto da humanidade e que precisamos de uma alternativa socialista, que lute por outra forma de sociedade, sem exploração e opressão, com emprego, moradia, saúde e educação para todos", concluiu.



ENTREVISTA

A justiça é leve para os ricos e pesada para o pobre

Confira abaixo a entrevista com Mirtes Renata Santana de Souza, mãe do menino Miguel Otávio, de cinco anos, que morreu após cair do nono andar de um prédio de Recife (PE)

SECRETARIA NACIONAL DE NEGRAS
E NEGROS DO PSTU DE RECIFE

As imagens da câmera de segurança mostram Sari Corte Real colocando Miguel sozinho dentro do elevador e apertando o nono andar. Como você analisa o comportamento dela?

Mirtes – Eu analiso como falta de amor ao próximo. Infelizmente, naquele momento em que ela abandonou meu filho no elevador, ela... pouco estava ligando, porque era o filho de uma empregada. Ela só queria voltar pra terminar de fazer as unhas dela, ela não tocou no meu filho pra não borrar as unhas dela se observar nas imagens. Ela estava sem paciência, não quis saber mais dele e deixou ele ir. Se ela tivesse pelo menos pegado na mão dele, ter tirado ele do elevador, nada disso tinha acontecido. Hoje eu poderia estar com meu filho, mas infelizmente ela não quis nem tocar nele. Não entendo, por que não tocar numa criança? Ele era só uma criança, não sabia de nada, não tinha noção do risco que ele estava correndo naquele momento. Então, por falta de paciência dela, por vaidade, por falta de amor ao próximo, eu perdi meu filho. Perdi.

No dia 5 de julho, a Rede Globo fez uma entrevista especial com Sari Corte Real no Fantástico sobre a morte de Miguel. A produção do Fantástico também entrou em contato com você?

Pra mim, eu achei estranho dar a voz a ela. Mas infelizmente o que ela falou ali só fez prejudicar a ela mesma, só fez confirmar aquilo que eu já tinha dito quando eu saí da delegacia, que ela é fria, que ela não se arrepende em nenhum momento do que fez com meu filho e, ali no Fantástico, ela queria passar um papel de boazinha de sofrida, com roupa clara, sem maquiagem, simples, sem joias e ela não é daquela forma, ela só veste roupa de lançamento, sempre bem maquiada, cabelo sempre bem arrumado. Ela usa joias, muitas joias, e aquilo ali ela estava só fazendo um papel, ela estava encenando ali.

Sari Corte Real é rica, branca, esposa do prefeito e pagou fiança de R$ 20 mil para responder em liberdade. Você acha que a Justiça é racista e protege os ricos?

A Justiça é preconceituosa. É mais leve para os ricos, que têm condições financeiras, e é pesada para o pobre, principalmente para o pobre que mora na periferia. Sari teve condições de pagar vinte mil reais e está respondendo em liberdade. Eu não tenho condições de pagar vinte mil reais de fiança, então com certeza eu já estaria presa. A Justiça é muito injusta com o pobre. Se o pobre for no mercado roubar uma margarina é ladrão. Um rico quando é pego no shopping roubando um óculos, joias, alguma coisa, é doente, é cleptomaníaco! É doente.



Foi revelado que o prefeito Sergio Hacker Corte Real usava dinheiro da Prefeitura de Tamandaré de forma irregular para pagar o seu salário e o da sua mãe. O que você pensa sobre isso? Tem recebido algum salário?

Não, não temos recebido salário. Ele errou em ter colocado a gente pela prefeitura, ele sabe muito mais do que a gente que o que ele fez foi errado. Quando Sari entregou o contrato para eu e minha mãe assinar, a gente assinou porque a gente não viu alternativa, porque a gente precisava receber nosso salário, precisa trabalhar pra pagar nossas contas, pra sustentar meu filho. E tem outras pessoas, outros funcionários da família [do prefeito] que também trabalhavam, recebiam da prefeitura. Mas isso aí é um erro que ele cometeu e ele vai ter que resolver com a Justiça.

A advogada que está me acompanhando está resolvendo essa questão trabalhista, porque foram muitas irregularidades. A gente está recebendo ajuda de algumas pessoas, tanto na questão de alimento como na questão financeira, e isso está dando pra gente se virar até se resolver essa questão.

Na pandemia, as condições de vida das trabalhadoras domésticas pioraram, e muitos governadores, dentre eles o daqui de Pernambuco, classificou o trabalho doméstico como essencial. Muitas empregadas domésticas foram contaminadas. Você também foi contaminada?

A Sari ofereceu pra ir trabalhar junto com ela, porque eles foram se isolar lá em Tamandaré, e ela perguntou se a gente queria ir. Então fomos pra trabalhar e receber nosso salário. Passei todo esse período da pandemia trabalhando em Tamandaré, eu, minha mãe e levei meu filho comigo. E algumas vezes precisei vir a Recife com Sari e com o marido dela, ele com o COVID-19, e eu adquiri. Não foi tão grave a ponto de eu ir para o hospital, mas foi pesado. Minha mãe e meu filho apresentaram alguns sintomas.

Muitas pessoas têm demonstrado solidariedade com você e com sua família. Como você vê estas manifestações de apoio?

Isso é muito importante, isso é o que está me fortalecendo pra continuar nessa luta. Aquele tuitaço foi surpreendente pra mim. Eu me surpreendi com muita gente, o quanto estão empenhados me apoiando, pedindo justiça por Miguel. Não imaginava que o caso do meu filho ia tomar essa proporção, e essa proporção que tomou é o que está me ajudando. Muita gente está me apoiando, tanto aqui do Brasil como fora. Não estou me sentindo só nessa luta. Tem muita gente comigo, muita gente comigo, pessoas que dizem que estão orando por mim. Sei que não vou trazer meu neguinho de volta, mas pelo menos vai dar um pouco de alívio pro meu coração em saber que a pessoa que errou com meu filho vai pagar pelo erro dela.

Eu só exijo que realmente se faça justiça, que está comprovado. As imagens falam por si. Estou na luta para que não se caia no esquecimento. Eu sempre peço para que as pessoas que apoiam postem foto de Miguel, coloquem uma hashtag “justiçapormiguel”, para que não caia no esquecimento. Vamos fazer pressão para que se faça realmente justiça.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/3JW2BJI

DESEMPREGO

Metade dos trabalhadores estão sem trabalho, e medidas de Bolsonaro aumentam desemprego

Governo lança Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e Renda, mas não proíbe demissões

RENATA FRANÇA, DE ITAJUBÁ (MG)

A crise econômica já havia deixado 12 milhões sem emprego. A pandemia agravou a situação. Foram destruídos 8 milhões de postos de trabalho só este ano.

O desemprego bateu recorde de 12,9% segundo o IBGE. A tragédia social, contudo, pode ser muito maior do que mostram os números. Cerca de 5,4 milhões desistiram de procurar emprego e 30,4 milhões são força de trabalho subutilizada. Pela primeira vez na história, mais da metade da população brasileira com idade de trabalhar está desempregada.

Os mais atingidos são os trabalhadores sem diploma (20,4%) e os jovens até 24 anos (27,1%). Mulheres, LGBTs, negras e negros são os primeiros a serem demitidos. Mais de 7 milhões de mulheres deixaram o mercado de trabalho. A população negra, que concentra a maior taxa de contágio, também tem maior queda na renda familiar.

A informalidade agrava esse quadro. Segundo o Instituto Latino-americano de Estudos Socioeconômicos (Ilaese), 78 milhões de brasileiros não têm emprego formal, constituindo um exército de subempregados que trabalham hoje para comer amanhã.

LEIA NO SITE:
HTTPS://BITYLI.COM/0VJSS



GENOCIDA

Bolsonaro não protege empregos e salva o lucro dos capitalistas

Mesmo rifando nossas vidas, Bolsonaro defende salvar a economia para supostamente proteger os empregos. Porém essa política genocida tem jogado os trabalhadores para morrer da doença e também de fome, pois as medidas econômicas do governo fizeram a pandemia do desemprego se alastrar.

Em abril, foi lançado o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e Renda, a MP 936, que permite a redução da jornada e dos salários, garantindo uma estabilidade provisória. No entanto, sem uma lei que proibisse, passada a estabilidade prevista na MP houve uma onda de demissões. A patronal se aproveitou para demitir em massa, impor acordos salariais rebaixados, lay off e PDV. Além disso, o atraso e as falhas para liberação do credito às pequenas empresas levaram milhares de pequenos negócios à falência.

Entre maio e julho, a taxa de desocupação saltou de 10,5% para 12,9%, o que mostra que as medidas não protegeram os empregos e favoreceram apenas as grandes empresas.

MENOS DIREITOS E MAIS DEMISSÕES

Bolsonaro alega que o excesso de direitos é a causa do desemprego e da informalidade e que o trabalhador deve escolher entre ter emprego ou direitos. Esse discurso mentiroso esconde o verdadeiro plano do governo: passar a boiada sobre os nossos direitos.

A carteira verde e amarela, que o governo pretende reeditar, cria um regime de subcontratação em que o trabalhador receberia por hora trabalhada e sem direitos. O que eles querem é rasgar a CLT para legalizar a superexploração.

Reduzir direitos não gera mais empregos. Pelo contrário, incentiva as empresas a demitirem os trabalhadores com mais direitos para contratar trabalhadores com salários e direitos rebaixados. Além disso, achata o salário de todos os trabalhadores, pois legaliza o trabalho precário.

QUEREM QUE PAGUEMOS A CONTA DUAS VEZES

Além de rebaixar salários e direitos, as MPs isentam impostos dos patrões sobre a folha de pagamento. Para cobrir a arrecadação, o governo quer fazer uma reforma tributária que fará os pobres pagarem a maior carga de impostos do mundo (leia a página ao lado).

PROGRAMA

Emprego, renda e condições sociais para a quarentena!

1. Contra as MPs que retiram direitos! Não à carteira verde e amarela!
2. Não à reforma tributária! Que os ricos paguem a conta! Taxação das remessas de lucros das grandes empresas e elevação da cobrança de impostos dos bancos; taxação das grandes fortunas.
3. Por uma lei que proíba as demissões! Reintegração dos demitidos e estatização das empresas que demitirem.
4. Auxílio de dois salários mínimos para desempregados e informais.
5. Plano de geração de empregos: construção de hospitais, rede de saneamento básico e moradia.
6. Redução da jornada de trabalho sem redução de salários e direitos
7. Isenção do pagamento de aluguel, água, energia elétrica e gás
8. Revogação da reforma trabalhista e da Previdência
9. Crédito ilimitado a juros zero para os pequenos negócios

CAPITALISMO É DESEMPREGO

No socialismo é o pleno emprego!

O capitalismo empurra os trabalhadores para a barbárie. Mesmo com toda tecnologia e riqueza produzida, este sistema em crise não nos garante sequer o direito à vida e ao trabalho digno. Os capitalistas colocam o lucro acima da vida, e os trabalhadores pagam com desemprego em massa, salários miseráveis e destruição dos direitos. Só com a expropriação dos grandes empresários e dos banqueiros será possível planificar a economia, colocá-la a serviço das necessidades da maioria e garantir emprego digno para todos!

ROUBAR DOS POBRES PRA DAR AOS RICOS

Reforma tributária é Robin Hood às avessas

Guedes quer que você pague mais impostos para desonerar banqueiros e grandes empresários

DA REDAÇÃO

No momento em que o Brasil caminha a passos largos para atingir a marca de 100 mil mortes por COVID-19 notificadas, o ministro da Economia, Paulo Guedes, está preocupado em diminuir ainda mais os impostos dos ricos, dos grandes empresários e dos banqueiros para taxar ainda mais os trabalhadores, a população pobre e a classe média. Esse é o sentido da reforma tributária que o governo prepara para enviar ao Congresso Nacional. Num país no qual quanto menos você tem, mais paga, Guedes quer aumentar essa distorção, taxando mais o consumo e tornando o sistema mais regressivo.



A primeira fatia dessa reforma já foi enviada e prevê a unificação de dois impostos: o PIS e o Cofins, criando a Contribuição Social sobre Operações com Bens e Serviços (CBS). Em essência, seria um imposto que recai sobre o consumo com uma alíquota de 12%. A próxima etapa seria a unificação desse imposto federal com os tributos estaduais e municipais, criando o Imposto sobre Valor Agregado (IVA).

Um cálculo do Sindifisco Nacional mostra que, contando com os impostos estaduais e municipais, o consumidor final pagaria 35%. Estima-se, porém, que o total de impostos sobre o consumo chegue próximo a 50%. Algo que não teria paralelo em nenhum outro lugar do mundo. No Brasil, enquanto o consumo é fortemente taxado, os lucros e dividendos, inclusive do capital financeiro, são intocáveis.

VOCÊ PAGA MAIS IMPOSTO QUE O DONO DO ITAÚ

Quando se taxa o consumo, o pobre acaba pagando o pato, porque alguém que ganha um salário mínimo, quando vai ao mercado comprar um pacote de arroz, acaba pagando o mesmo imposto que Roberto Setúbal, dono Itaú, que lucrou R$ 26,5 bilhões no ano passado, sobre os quais não pagou nem um real em impostos. Por outro lado, Guedes quer pôr em prática sua obsessão de desonerar completamente a folha de salários.

É evidente que isso viria junto com uma reforma trabalhista. O trabalhador vai perder a contribuição previdenciária do empregador, além do FGTS, e vai ter que pagar mais sempre que for ao supermercado e até quando fizer uma compra pela internet, porque uma das propostas do governo para compensar esse presente aos grandes empresários é o retorno da famigerada CPMF, imposto que recai sobre todas as transações financeiras.

Falando em arroz, outra proposta safada de Guedes é custear seu Renda Brasil, novo nome que o governo quer dar ao Bolsa Família, com a taxação da cesta básica. O pobre vai tirar seu benefício no banco para devolver ao governo cinco minutos depois na forma de imposto que ainda vai castigar toda a classe trabalhadora.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/2EXVH6L

GOLPE

Uma paulada na classe média

Guedes quer acabar com a dedução dos gastos com saúde e educação no Imposto de Renda. Ao contrário do que possa parecer à primeira vista, isso afetaria não os ricos, mas a classe média “remediada” que aperta os cintos todo o mês para pagar um plano de saúde e a escola dos filhos.

Isso significaria ao governo um aporte de R$ 40 bilhões a R$ 50 bilhões e mais alguns milhões de novos alunos na rede pública de ensino e de outros milhões de pessoas no SUS, ambos serviços cada vez mais sucateados.

VEJA

No Brasil, é o pobre que paga imposto

Consumo	54,90%
Renda	26,94%
Patrimônio	3,72%
Outros	14,44%

FONTE: UNAFISCO

PROGRAMA

Taxar os ricos, não os pobres



Um levantamento recente da ONG Oxfam mostra que, em plena pandemia, o patrimônio de 42 bilionários brasileiros cresceu US$ 34 bilhões ou mais de R$ 172 bilhões. É mais que o dobro dos R$ 88 bilhões do auxílio emergencial que o governo já gastou até agora.

Isso é reflexo da desigualdade do capitalismo que se exacerba na pandemia enquanto milhões ficam sem emprego ou têm salários cortados. Propostas como a de taxar grandes fortunas, popularizada pelo economista francês Thomas Piketty e levantada por vários setores de esquerda, não resolvem o problema. Significa manter essa estrutura tributária regressiva nas costas dos mais pobres e tirar uma pequena lasca dos ricos lá na ponta. Não ameaça os privilégios dos ricos, tanto que tramitam várias propostas no Congresso Nacional com esse conteúdo, do PT ao PSDB.

É preciso sim uma reforma tributária fortemente progressiva, a começar pela tabela do Imposto de Renda, hoje com uma defasagem superior a 100% que, se corrigida, elevaria a faixa de isenção dos atuais R$ 1.903,98 para R$ 3.881,64. Hoje, quem ganha mais de 80 salários mínimos paga em média 2% de IR. Já quem ganha até cinco salários, paga até 17,3%.

É preciso acabar com essa distorção, taxar lucros, dividendos e remessas, além de acabar com as desonerações e subsídios aos banqueiros e às grandes empresas. E é preciso parar de pagar a falsa dívida, instituindo uma auditoria, e acabar com a Lei de Responsabilidade Fiscal, colocando em seu lugar uma Lei de Responsabilidade Social.

COVID-19

Próximo de 100 mil mortes, Brasil tem metade dos trabalhadores desempregados enquanto ricos lucram na pandemia

DA REDAÇÃO

O Brasil caminha rápido para 100 mil mortes por COVID-19 segundo os dados oficiais levantados pela imprensa junto às secretarias de saúde dos estados. Com esses dados, o Brasil – que tem 3% da população mundial – detêm 15% dos casos mundiais de COVID-19 e 13% das mortes causadas pelo vírus no planeta. O Brasil é campeão de mortes diárias por um milhão de habitantes, com mil óbitos em média por dia.

Todo mundo sabe que esses números são pra lá de subestimados. Não há testes nem diagnósticos suficientes. Uma contabilização correta desses casos ocultados pela subnotificação colocaria o Brasil como o líder em número de contágios, ultrapassando os Estados Unidos. Mesmo assim, os governos tocam adiante a reabertura das atividades.

POBRES E NEGROS, AS MAIORES VÍTIMAS

No início de julho, uma pesquisa mostrou que a presença do novo coronavírus em São Paulo atinge cerca de 16% da população nos bairros mais pobres da cidade. O número é mais que o dobro do observado nos distritos mais ricos da cidade, que registraram 6,5% de pessoas que já tiveram contato com o vírus. A mesma pesquisa mostrou que houve uma incidência maior de contágio na população negra do que na branca – 19,7% contra 7,9%. A pesquisa é do Grupo Fleury em parceria com a ONG Instituto Semeia e o Ibope Inteligência.

No Rio de Janeiro, um levantamento da prefeitura mostrou um cenário semelhante. Na Cidade de Deus, 28% da população foi infectada. Em Rio das Pedras e na Rocinha, cerca de 25% contraíram o vírus. Esses dados são uma pequena demonstração de como a pandemia atinge a população pobre e negra das periferias e favelas.



É importante lembrar que esses dados ainda não alcançam toda a dimensão das consequências da reabertura determinada pelos governos nos estados. Os efeitos da reabertura só vão ficar mais evidentes nas próximas semanas. Mesmo assim os governos já falam em reabrir as escolas, como se tudo estivesse bem!

LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/2EPQVOQ

ASSASSINOS

O genocídio de Bolsonaro tem governadores como cúmplices



Não demorou muito para todos perceberem que os governadores apenas fizeram jogo de cena no começo da pandemia. Todos eles estão implementando rapidamente a reabertura e medidas de flexibilização da quarentena. Se Bolsonaro aplica uma política genocida no país, os governadores mostram que são cúmplices pela imensa mortandade das vítimas do vírus, especialmente aqueles da dita oposição que também reabrem o comércio e pensam em retomada das aulas. Um deles é Flávio Dino (PCdoB), governador do Maranhão, que implementa a reabertura no estado, naturaliza as mortes e, como se não bastasse, convidou Bolsonaro para um pacto.

A verdade é que não há oposição alguma. Há assassinos que naturalizam as quase 100 mil vítimas fatais do vírus e governam para manter os lucros dos grandes capitalistas. Aproveitam para atacar direitos dos trabalhadores e não garantem uma quarentena para valer, sustentada na garantia de renda, direitos e emprego.

SP: “UM BOEING POR DIA”

O estado de São Paulo, epicentro da pandemia no país, é exemplar. A taxa de mortalidade, embora estabilizada, está num patamar elevado, com uma média de 300 óbitos por dia. “O que corresponde a um Boeing 747. Estamos tendo a explosão de um Boeing 747 por dia e pode ser que isso se prolongue até o ano que vem”, explica o diretor do Instituto Butantan, Dimas Covas, em debate virtual realizado pela Fundação de Amparo à Pesquisa (Fapesp).

Mesmo assim, em São Paulo, o governo João Doria (PSDB) indicou que as aulas poderiam voltar a partir de 8 de setembro se 100% das regiões estiverem na fase amarela do plano de retomada por 14 dias. Atualmente, três regiões ainda estão na fase vermelha, a mais restritiva de todas.

Para garantir isso, Doria mudou as regras para transição de fases do plano estadual para facilitar reabertura de atividades. Antes, para que uma região mudasse da fase laranja para a amarela, era necessário que o local tivesse uma taxa máxima de ocupação de leitos de UTI de 70%. Agora o percentual pode ser de até 75%. Da fase amarela para a verde, só era possível se a região tivesse até 60% dos leitos de UTI ocupados por conta da COVID-19. Com a mudança, o percentual passou para valores entre 70% e 75%.

Na capital paulista, a prefeitura quer que os pais assinem um termo de responsabilidade sobre o fato de os alunos voltarem ou não às aulas. Trata-se de um verdadeiro absurdo que visa intimar os pais e responsabilizá-los pelo que acontecer após o retorno das aulas.

No Rio de Janeiro, os empresários e os donos de escolas lançaram um vídeo criminoso pedindo o retorno das aulas. No vídeo, os donos de escola dizem que “os meses se passaram” e que “aprendemos a conviver com o vírus”. Também criticam a necessidade de isolamento social estabelecida pelos cientistas e pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como medida eficaz para conter a pandemia: “Estudos só confundiram. Trancar todos em casa não é ciência. Confinar é desconhecer, ignorar, subtrair vida, é fragilizar, debilitar, mexer com o emocional. As crianças precisam voltar a se relacionar, brincar, refazer laços e amizades, rever seus amigos.”

É GENOCÍDIO

Volta pode causar 17 mil mortes de crianças até o fim do ano

Uma pesquisa da FGV projetou que, caso aconteça uma reabertura precipitada das escolas no Brasil, o país pode saltar de 300 mortes de criança abaixo de 5 anos para 17 mil até o final do ano.

"As aulas absolutamente não podem voltar em setembro. Nós temos hoje no Brasil 500 mil crianças portadoras do vírus zanzando por aí. Se você reabrir agora em agosto, mesmo usando máscara, mesmo botando distância de dois metros. No primeiro dia de aula nós vamos ter 1.700 novas infecções, com 38 óbitos. Isso vai dobrar depois de 10 dias e quadruplicar depois de 15 dias. Então, abrir as escolas agora é genocídio", disse o matemático Eduardo Massad no debate virtual realizado pela Fundação de Amparo à Pesquisa (Fapesp).

Na verdade, o potencial letal da abertura é muito maior. Pesquisas mostram que os mais afetados pelo vírus serão os funcionários das escolas, os professores e os pais dos alunos.

É por esse motivo que a grande maioria dos pais de alunos está contra o retorno das aulas. Os profissionais da educação em todo o país estão ameaçando fazer greve caso os governos decretem a sentença de morte de milhares de crianças, trabalhadores e pais. Uma greve que seria apoiada pela maioria da população e pode servir de exemplo para muitos outros setores da classe trabalhadora que estão cansados de seguirem para o abate todos os dias.



HAIA

Trabalhadores da saúde denunciam Bolsonaro por genocídio em Tribunal Internacional

Jair Bolsonaro foi denunciado por crimes contra a humanidade e genocídio no Tribunal Penal Internacional, com sede em Haia. A iniciativa foi liderada por uma coalizão que representa mais de um milhão de trabalhadores da saúde no Brasil e apoiado por entidades internacionais.

"No entendimento da coalizão, há indícios de que Bolsonaro tenha cometido crime contra a humanidade durante sua gestão frente à pandemia ao adotar ações negligentes e irresponsáveis, que contribuíram para as mais de 80 mil mortes pela doença no país", destaca o documento da coalizão.

"A omissão do governo brasileiro caracteriza crime contra a humanidade – genocídio", diz o texto. "É urgente a abertura de procedimento investigatório junto a esse Tribunal Penal Internacional, para evitar que, dos 210 milhões de brasileiros, uma parcela sofra as consequências desastrosas dos atos irresponsáveis do senhor presidente da República", aponta.

CAPITALISMO É ASSIM

Durante pandemia, 42 bilionários brasileiros aumentam sua fortuna em US$ 34 bilhões

Enquanto os governos naturalizam as mais de mil mortes diárias causadas pela COVID-19, dados da Oxfam, ONG que atua na redução da desigualdade e da pobreza, mostram que o patrimônio de 42 bilionários brasileiros cresceu US$ 34 bilhões – algo em torno de R$ 177 bilhões – durante a pandemia do novo coronavírus. No total, o seleto grupo dos mais ricos do Brasil acumula uma fortuna de US$ 157,1 bilhões segundo a ONG – cerca de R$ 820 bilhões.

O mesmo cenário é observado quando se analisa o desempenho das fortunas dos 73 bilionários da América Latina e do Caribe. Eles aumentaram as suas fortunas em US$ 48,2 bilhões entre março e julho deste ano.

O capitalismo vai mostrando a sua face bárbara na pandemia. Enquanto a maioria da população se arrisca a ser contaminada para não perder o emprego ou para comprar o alimento da sua família no dia seguinte, os bilionários não têm por que se preocupar e ficam mais ricos com a desgraça alheia. É a serviço dessa gente que está Bolsonaro, sua corja de militares e milicianos e os governadores dos estados que impõem a reabertura e a flexibilização da quarentena.

RESPOSTA À GLOBO

"É justo os mais ricos, os bilionários desse país, ficarem mais ricos na pandemia? Tá errado."

Em São Paulo, a greve dos metroviários foi suspensa, após arrancar recuo do governador João Doria e da direção da empresa. Isso ocorreu graças a uma forte luta e à adesão massiva à paralisação.

Em entrevista ao SP1, programa jornalístico da Rede Globo na capital paulista, Altino Prazeres, coordenador do sindicato e militante do PSTU, foi questionado pelo apresentador Rodrigo Bocardi: "Como o sindicato enxerga uma greve, em meio à pandemia, de um serviço essencial que transporta milhões de pessoas que tiveram redução de seu salário, que estão em busca de emprego? Vocês acham razoável uma paralisação no meio de uma pandemia?"

Altino respondeu à altura: "É justo os mais ricos, os bilionários desse país, ficarem mais ricos na pandemia? Tá errado. A luta dos metroviários foi para resistir, para que a gente mantenha o nosso nível de vida. A pergunta é: por que os bilionários ficam mais ricos e os trabalhadores têm que pagar o custo desta crise que eles mesmos criaram?"

A resposta de Altino viralizou nas redes sociais e virou um dos assuntos mais comentados no Twitter. Ele recebeu o apoio de pessoas do país inteiro e de figuras públicas como Gregório Duvivier.



MINAS GERAIS

O golpe de Zema contra a população mineira

GERALDO BATATA E GIVANILDO
DE BELO HORIZONTE (MG)

O governador de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo), ataca a população mineira em pleno crescimento dos casos de COVID-19 e das mortes no estado. Enviou um projeto à assembleia legislativa de ataque aos serviços públicos utilizados pela população. O que é mais indignante é que ele chama os servidores da Saúde, que estão morrendo na linha de frente do combate à pandemia, de privilegiados.

O mau-caratismo e o cinismo de Zema não têm limites. Para atacar os serviços públicos e os servidores, diz que "temos que fazer justiça no Brasil". A "justiça" do governador é transformar o servidor público em responsável pelo descalabro do sistema de Saúde, é fazer os trabalhadores da educação, os agentes da segurança e da saúde trabalharem além do limite que permite a idade para prestar um serviço decente para a população.

Zema utiliza os servidores públicos como bode expiatório, que explica a tal da falência do estado, para destruir o que resta do serviço público utilizado pela população pobre. Os profissionais da saúde, que estão deixando suas vidas nos hospitais mal equipados e sem EPIs, são, nas palavras de Zema, uns "privilegiados porque têm direito a aposentadoria."

"O PAÍS NÃO PODE TER DUAS CATEGORIAS"

Segundo Zema, o grande problema do país e de Minas se resume a: "quem está na iniciativa privada... tem menos direitos do que o serviço público." De fato, temos duas categorias de pessoas em Minas, mas não são os trabalhadores da "iniciativa privada" e os servidores.

As grandes mineradoras e siderúrgicas que eram estatais e foram privatizadas, com o mesmo argumento de que o estado está falido e precisa privatizar para fazer caixa, roubam as riquezas minerais, apropriam-se de créditos baratos do estado, têm isenções de impostos, assassinam centenas de pessoas como no caso de Brumadinho.

Minas Gerais perdeu cerca de R$ 140 bilhões em arrecadação do ICMS sobre exportação de minério de ferro, ouro etc., sobre a qual não é cobrado imposto. Além disso, o governo concede bilhões às grandes empresas ao renunciar a cobrança de impostos. Em 2019, foram R$ 6 bilhões.



Os responsáveis pela destruição do serviço público não são os servidores públicos, mas os governos a serviço das grandes empresas. Os servidores públicos, além de trabalhar de sol a sol, pagam seus impostos. A maior parte da arrecadação vem dos impostos indiretos pagos pela maioria da população.

UM ESTADO E UM PAÍS CONTROLADOS POR GRANDES EMPRESAS

Enquanto prefeitos e governador esbravejavam contra pequenos comerciantes desesperados, colocando a fiscalização em seu encalço e sem dar crédito para manter o seu negócio, as grandes empresas como a Vale, a CSN, a Usiminas, a Vallourec, a Fiat, entre outras, trabalharam a pleno vapor, aglomerando milhares de trabalhadores em suas gigantescas plantas industriais. São as responsáveis pelo aumento do contágio, mas são elas as grandes beneficiárias na pandemia. Somente as mineradoras aumentaram em 9% seu faturamento em plena pandemia. Não bastou os assassinatos de Brumadinho para aumentar seus lucros, exigem mais sangue da população.

Enquanto uns perdem com cortes de salários, direitos e empregos, e pequenos empresários perdem até sua última fonte de renda, esses grandes proprietários ficam cada vez mais ricos. Zema tenta desviar a atenção da população colocando os trabalhadores destas empresas contra os servidores.

LEIA NO SITE: HTTPS://BITYLI.COM/3EKP5

UNIDADE DOS SERVIDORES

Disputar a população contra a reforma

Explicar à população que os principais atingidos pela reforma são os que necessitam de hospitais, escolas e segurança públicas é o principal desafio dos servidores. Além disso, é necessário vencer as manobras que dividem a luta dos servidores. Todos serão atacados em tempos distintos. Os policiais civis foram a vanguarda das manifestações, e agora se trata de incorporar os praças da PM.

É justamente agora, quando a unidade na luta entre servidores civis e militares é fundamental para a vitória, que podemos entender as razões pelas quais todos os governos se utilizam de uma lei da ditadura militar para impedir, por meio da hierarquia militarizada, que os praças se engajem na luta em defesa dos direitos de todos os servidores e da população.

A propaganda de que não serão atingidos pela reforma é uma grande mentira. A reforma inclui, além do ataque à Previdência do conjunto dos servidores, ataques aos salários, tais como fim do quinquênio, sistema de promoções etc., que pode reduzir até a metade a aposentadoria de um praça.

A unidade dos servidores da segurança pública com o conjunto do funcionalismo pode barrar a votação da reforma. Com a divisão e os interesses corporativos todos saem perdendo.

GREVE

Operários da Renault resistem a demissões e dão exemplo

PSTU CURITIBA (PR)

No último dia 21, a fábrica da Renault no Paraná anunciou, de forma unilateral, a demissão de 747 trabalhadores da planta de São José dos Pinhais. A justificativa foi a dificuldade da reação das vendas no mercado de veículos devido à crise gerada na pandemia do novo coronavírus, somada à resistência dos trabalhadores em aceitar ataques como as propostas contidas na MP 936 de Bolsonaro. Essa medida prevê a suspensão de contratos ou Plano de Demissões Voluntárias (PDV) e é “oferecida” pela montadora como “saída” para os trabalhadores.

As demissões atingem em cheio os trabalhadores e suas famílias, que perderam seu trabalho justamente quando a pandemia ganha força no Paraná. “O sentimento foi de decepção, porque quando entrei aí dei o sangue praticamente, obedecendo todas as regras e procedimentos da empresa. Fazia por merecer meu serviço, meu salário. Não foi nada de graça como querem dizer. Eles trataram a gente como se a gente fosse uma mercadoria. Usaram como queriam e agora dispensaram”, explica E., operário que completaria três anos de trabalho agora em agosto.

O trabalhador explica que tem uma filha que necessita de cuidados especiais de saúde devido a problemas respiratórios. Agora, sem emprego em plena pandemia, sua vida está à mercê da política assassina de preservação dos lucros da multinacional francesa.

No mesmo dia das demissões, em assembleia com o Sindicato dos Metalúrgicos de Curitiba e Região, os trabalhadores votaram por unanimidade a greve da categoria em defesa dos empregos por tempo indeterminado. “Todos os que estão aqui estão porque é uma luta justa. Todos os que estão nessa situação fizeram por merecer seus empregos e isso não é justo”, disse E., durante um protesto realizado no último dia 26 em frente à Assembleia Legislativa do Paraná.



LEIA NO SITE:
HTTPS://BITYLI.COM/GRQQY

A solidariedade dos trabalhadores está se mostrando no dia a dia da mobilização. Quem não foi demitido sabe que defender os empregos dos companheiros agora é essencial para impedir novos ataques.

MAMATA

Renault e a farra dos incentivos fiscais



Assembleia realizada no dia 26 de julho pelos trabalhadores da Renault

A justificativa dada pela Renault para as demissões é tão absurda que sequer os deputados da base do governo da Assembleia Legislativa do Paraná conseguiram ignorar. “Se a Renault quer demitir seus empregados, ela tem de abrir mão dos incentivos fiscais que recebe”, disse um parlamentar. A verdade é que a Renault recebe um incentivo financeiro milionário há mais de 20 anos com isenção de impostos para operar na região.

Em 1997 a renúncia de ICMS foi de US$ 1,9 bilhão. Depois, em 2007, quando a isenção da época da instalação da fábrica chegou ao fim, foi promulgada a lei estadual 15426/2007 que garantiu a continuidade da isenção de impostos com a contrapartida da manutenção do emprego.

No orçamento de 2019, a renúncia para o setor automotivo do Paraná foi de R$ 997 milhões de reais (Gazeta do Povo, 1º/8/2018). Um escândalo! O silêncio do governador Ratinho Júnior (PSD) sobre as demissões até o momento o coloca ao lado da Renault no ataque aos trabalhadores.

Nos últimos anos, a empresa ganhou milhões com recordes de produção e vendas no Brasil e mercado sul-americano, mas quando a taxa de lucros da empresa é ameaçada, as vidas dos trabalhadores e de suas famílias simplesmente deixa de ter importância.

A empresa só aceita discutir a adição de valores atualizados de PLR às verbas rescisórias e reajuste da data-base sobre os salários. Trata-se de uma proposta indecente a quem precisa de emprego e direitos, como assistência médica, que devem ser garantidos a todos os trabalhadores e suas famílias como o mínimo que deveria ser garantido por uma multinacional que já ganhou tanto com o dinheiro dos impostos que os trabalhadores do estado do Paraná pagam em seu lugar.

NA LUTA



Resistência é exemplo para todos

A luta dos trabalhadores da Renault e a greve deflagrada no dia 21 de julho são um exemplo para todos os trabalhadores do Brasil. Mostra que existe sim um caminho contra os ataques de Bolsonaro e das multinacionais que faturam muito no Brasil.

A unidade e a luta de todos os trabalhadores das grandes empresas e do funcionalismo público são fundamentais nesse momento para a construção de uma forte greve geral em defesa da vida e da quarentena, com garantia de salário digno e condição de isolamento social a todos. Somente isso pode garantir que os trabalhadores possam sobreviver e manter empregos, salários e direitos.

– Pela readmissão imediata de todos os trabalhadores demitidos!

– Derrotar a política genocida de Bolsonaro e das multinacionais de demissão!

POLÊMICA

Nem revolução nem solidária

BERNARDO CERDEIRA,
DE SÃO PAULO (SP)

O PSOL aprovou, em prévias eleitorais, a chapa Guilherme Boulos-Luiza Erundina para concorrer à Prefeitura de São Paulo nas eleições de novembro deste ano. O principal slogan da sua campanha é o que Boulos vem chamando de "revolução solidária". Em artigo na Folha de S.Paulo, publicado em abril, ele explicava o que queria dizer com isso: "Hoje, podemos dizer que estamos 'condenados' a ser solidários. Para sobreviver precisamos contar uns com os outros. É solidariedade ou morte. (...) O momento exige uma revolução solidária. (...) Que essa crise possa ao menos deixar o legado de novos valores. O legado solidário que reoriente profundamente a forma como organizamos nossa sociedade (...) apontando um futuro em que a vida das pessoas tenha mais valor que os lucros dos bilionários."

Como exemplo dessas ações, Boulos tem registrado em vídeos visitas a comunidades da periferia para distribuir álcool em gel, materiais de higiene e cestas básicas. Em nossa opinião, no entanto, essas ações e esse slogan são demagógicos e eleitoreiros e queremos demonstrá-lo.



CARIDADE BURGUESA

O primeiro problema que vemos nessa concepção é que Boulos não está falando numa solidariedade verdadeira entre os trabalhadores e os pobres. Sua concepção é exatamente a mesma daquilo que a chamada burguesia progressista entende como solidariedade.

Ele fala de criar "novos valores", de educar cidadãos e combater desigualdades. Palavras bonitas, mas totalmente vazias, porque a sociedade capitalista é cada vez mais exploradora, desigual e autoritária. Não há nenhuma possibilidade de enfrentar a desigualdade social, o desemprego e a pobreza com "boas ações".

Só é possível enfrentar essas mazelas com uma poderosa luta de classes contra a exploração, travada pelos trabalhadores e pelo povo pobre organizados. Hoje, no Brasil, isso significa uma luta de resistência aos ataques do governo Bolsonaro e da burguesia. A "revolução solidária" de Boulos não toca nesse "pequeno" problema.

Por que dizemos que essa ideologia é a mesma da burguesia? A solidariedade burguesa é uma ação em que as classes dominantes e as suas instituições, como as igrejas, promovem ações de beneficência e de caridade para os pobres com a intenção de mascarar a verdadeira face da exploração.

Ao mesmo tempo, a burguesia tenta ganhar uma parte da classe média para que incorpore essa ideologia e seja agente das ações beneficentes. Dessa forma, a classe dominante consegue atrair milhares de pessoas críticas à brutal desigualdade da sociedade capitalista para ações que visam diminuir a pobreza extrema.

Com isso, não se termina com a exploração, nem com a desigualdade social, nem com a pobreza. Pelo contrário, é dessa forma que a burguesia procura evitar explosões sociais e aplacar o mal-estar desse setor da classe média com o capitalismo, desviando-o de uma possível luta contra o sistema. Essa é uma das principais funções das igrejas e das ONGs no sistema capitalista atual.



LEIA NO SITE:
HTTPS://BITYLI.COM/OOZV9

NÃO É CARIDADE

A solidariedade da classe trabalhadora e a revolução

A solidariedade da classe trabalhadora é muito diferente. Está ligada à organização das lutas dos trabalhadores de forma profunda. As primeiras ações de resistência da classe operária no século 19 foram ações de solidariedade. Eram as chamadas caixas de auxílio ou socorro mútuo, para apoiar as famílias dos trabalhadores, e os fundos organizados pelos sindicatos para sustentar grevistas. Depois, ocorreram campanhas internacionais para sustentar greves e revoluções em outros países. Um exemplo foi o Socorro Vermelho, que surgiu para apoiar a Rússia soviética num momento em que milhões passavam fome pelos efeitos da guerra civil.

No Brasil, também se desenvolveram ações de solidariedade de classe em greves, ocupações de terra e terrenos. Durante a atual pandemia, comunidades populares se organizam para prestar solidariedade aos mais necessitados.

Esse tipo de solidariedade, que não só ajuda os companheiros necessitados, mas fortalece a organização e a unidade da classe trabalhadora, não é caridade. Pelo contrário, respeita a dignidade da classe e aumenta seu ânimo para as lutas do presente. Com isso, ajuda a desenvolver a consciência de classe e prepara futuras ações revolucionárias e a luta pelo poder.

A concepção da "revolução solidária" de Boulos é o contrário da solidariedade de classe. É igual à concepção burguesa e pequeno-burguesa: uma ação caritativa e beneficente. Não há nem uma palavra de incentivo à luta ou à organização da classe trabalhadora.

Por último, não poderíamos deixar de comentar a palavra "revolução" do slogan de Boulos. Hoje em dia há uma prostituição dessa palavra por parte de intelectuais e até de políticos burgueses. Qualquer um a utiliza com qualquer tipo de propósito.



Revolução social, em sua acepção mais consequente, é a substituição radical de um sistema por uma nova classe que toma o poder de Estado. No capitalismo, uma revolução assim só pode ser operária e socialista. Mas, evidentemente, não é disso que Boulos está falando.

Também poderíamos falar de revolução, ou do seu início, referindo-nos à derrubada revolucionária de um regime ditatorial ou autoritário pelas massas populares.



Uma grande revolta popular para derrubar o governo Bolsonaro poderia ser o começo de uma revolução socialista. Porém Boulos também não está falando disso.

Ele está falando de uma suposta revolução de valores, semelhantes aos valores cristãos de amor ao próximo e de fazer o bem. Sem dúvida, as pessoas que incorporam esses valores de forma individual têm boas intenções.

Contudo, políticos conscientes como Boulos sabem perfeitamente que no capitalismo as boas ações individuais não podem nem sequer mudar os valores burgueses da sociedade, muito menos configuram uma revolução. Portanto, como dissemos no início, temos todo o direito de dizer que a utilização desse slogan e dessas ações assistencialistas não passa de pura demagogia para ganhar votos.

LEIA NO SITE: HTTPS://BITYLI.COM/IWB6W

ARGENTINA

Cresce campanha pela liberdade de Sebastián Romero

Ativista preso por motivações políticas na Argentina é perseguido desde dezembro de 2017

Dois meses após a sua detenção no Uruguai, o ativista e preso político argentino, Sebastián Romero, continua encarcerado injustamente. Extraditado à Argentina no dia 25 de junho, Romero teve negado o seu pedido de liberdade pela Justiça sob alegações das mais estapafúrdias. Romero está preso na Superintendência de Investigações da Polícia Federal, já que o sistema penitenciário federal não pode aceitar novos presos devido à pandemia.

Fica cada vez mais evidente o caráter político da prisão do metalúrgico da GM de Rosário, cujas cenas enfrentando a brutal repressão policial durante as manifestações contra a reforma da Previdência do então presidente Macri, em dezembro de 2017, percorreram o país. Na ocasião, as forças de segurança irromperam com violência contra os manifestantes, muito deles idosos e crianças, provocando um saldo de dezenas de feridos, alguns dos quais chegaram a perder a visão.

As imagens de Romero com um fogo de artifício preso um bastão transformaram-no num símbolo de luta e resistência contra os ataques neoliberais à classe trabalhadora. Exatamente por conta disso, sua perseguição passou a ter um caráter simbólico pelas autoridades. Foi tratado como um exemplo a fim de intimidar futuros protestos. Apelidado de forma pejorativa como "gordo do morteiro", foi obrigado a se refugiar durante esses dois anos e meio, período no qual seu companheiro, Daniel Ruiz, foi detido, permanecendo preso na Penitenciária de Segurança Máxima de Marcos Paz por mais de um ano sem julgamento.

No último dia 25, aconteceu um festival online em solidariedade ao ativista, que reuniu diversos grupos e músicos. É preciso intensificar a campanha internacional pela liberdade de Sebastián Romero. Entidades, associações, organizações sociais, sindicais ou culturais podem enviar moções para libertadasebastianromero@gmail.com.



LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/30AI7OD

CURTA E ACOMPANHE

A CAMPANHA PELO FACEBOOK

EUA

Pela reintegração imediata de Erek Slater

Motorista foi demitido ao defender que colegas se recusassem a transportar policiais para reprimir protestos



WILSON HONÓRIO DA SILVA
DA REDAÇÃO

No dia 31 de maio, o motorista de ônibus há 14 anos Erek Slater entrou na garagem na qual trabalhava, na cidade de Chicago, no estado de Illinois, nos Estado Unidos, e cumpriu uma tarefa corriqueira para quem é dirigente sindical: leu uma nota da Amalgamated Transit Union International (ATU, a organização sindical que representa os trabalhadores do transporte público nos Estados Unidos e no Canadá).

Contudo, um mês depois, no dia 7 de julho, Erek foi demitido pela Autoridade de Trânsito de Chicago (CTA). Ele foi processado pela Administração da Cidade e passou a ser assediado pela polícia sob a alegação de ter tentado organizar uma greve ilegal em sua garagem.

Trata-se de uma mentira criada para tentar abafar o teor potencialmente explosivo da nota: "(...) Os nossos membros têm o direito de recusarem o perigoso dever de transportar a polícia para os locais dos protestos e de levar manifestantes presos para longe das suas comunidades, onde muitos destes motoristas vivem. Isso representa um uso indevido do transporte público."

Numa conversa com o Opinião, Erek, que também é militante do grupo A Voz dos Trabalhadores (La Voz/Workers' Voice) – organização irmã do PSTU, também filiada à Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional –, declarou que "os trabalhadores receberam a nota da ATU com muita satisfação não por temerem por suas vidas, mas sim por saberem que estavam sendo obrigados a levar não só a polícia, mas também a Guarda Nacional para reprimir seus familiares e vizinhos e, acima de tudo, por estarem solidários com as mobilizações detonadas com o brutal e covarde assassinato de George Floyd."

Herbert Claros, falando tanto em nome da CSP-Conlutas quanto das organizações filiadas à Rede Sindical Internacional de Solidariedade e Lutas, lembra-nos que "Erek Slater está sofrendo uma dupla perseguição, tanto em função de sua atividade sindical cotidiana em defesa dos direitos dos motoristas de ônibus e dos trabalhadores em geral da cidade de Chicago quanto por sua militância contra o racismo nos EUA. É parte da política racista dos governos nos EUA e demostra a hipocrisia do discurso da prefeita da cidade, que é negra e faz discursos contra o racismo. Por isso, exigimos a sua reintegração, já!"

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/3JTZPTM

CURTA E ACOMPANHE

MOÇÕES E PETIÇÕES DE SOLIDARIEDADE PODEM SER ENVIADAS PARA

mural

FORA BOLSONARO

Batalha dos outdoors em Vinhedo



Na cidade de Vinhedo, interior de São Paulo, a polarização política do país se expressa nos outdoors. No início do mês, surgiram na cidade painéis com a expressão #FechadosComBolsonaro.

O que poderia até não causar muita surpresa para uma cidade que é conhecida por estar cercada por seus condomínios fechados, seu histórico de quase 80% de votos em Bolsonaro nas últimas eleições e por ser o berço do Movimento Brasil Livre (MBL), uma organização que se define como liberal, movimento que surgiu com o discurso de combater a corrupção, e hoje carrega uma série de investigações e se afunda em escândalos políticos e financeiros.

Porém Vinhedo também é a cidade de trabalhadoras e trabalhadores que mantêm o distrito industrial da cidade funcionando a todo vapor em meio à pandemia. A cidade, como outras tantas pelo país, está vendo o desemprego crescer junto com os números de contaminação e começa a expressar sua indignação com essa realidade.

Nesse cenário, despertou-se o sentimento de indignação. É por isso que começou a brotar também na cidade os outdoors daqueles que estão fechados mesmo é pelo "Fora Bolsonaro!". O Sindicato dos Químicos de Vinhedo deixou seu recado na cidade: para derrotar o vírus é necessário garantir "quarentena geral já, com emprego e renda" e "Fora Bolsonaro!".

O repúdio a Bolsonaro, contudo, não para no setor organizado do sindicato. No decorrer das semanas, surgiram iniciativas de organização nos bairros, com vaquinhas para garantir sua mensagem. Hoje é possível ler pelas ruas: "Bolsonaro não me representa", "Impeachment já". Num dos outdoors, os trabalhadores fizeram questão de avisar: "Esse outdoor foi feito com doações e não com caixa 2."

As iniciativas são exemplos a serem seguidos de auto-organização de trabalhadores e moradores que não aguentam mais esse governo genocida.

RIO DE JANEIRO

Em vídeo absurdo, donos de escola pedem retorno das aulas



Enquanto o Brasil caminha rapidamente para 100 mil mortes provocadas pela COVID-19, os empresários e donos de escolas do Rio de Janeiro lançaram um vídeo absurdo e criminoso pedindo o retorno das aulas. A peça é assinada pelo Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Rio de Janeiro (SinepeRio), entidade patronal que prega o retorno às salas de aula. Com pouco menos de um minuto, o vídeo do SinepeRio diz que "os meses se passaram" e que "aprendemos a conviver com o vírus". Diz também que "a COVID-19 nunca irá de todo, o que acaba é o medo". Na defesa da volta imediata às aulas, os donos de escolas afirmam: "Hoje, sabemos lidar, tratar, nos proteger, respeitando as rotinas, as regras e os protocolos. Estamos prontos. Fizemos o dever de casa. A escola privada está pronta para reiniciar."

Na parte considerada mais grave da mensagem, os donos de escola criticam a necessidade de isolamento social estabelecida pelos cientistas e pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como medida mais eficaz para conter a pandemia: "Estudos só confundiram. Trancar todos em casa não é ciência. Confinar é desconhecer, ignorar, subtrair vida, é fragilizar, debilitar, mexer com o emocional. As crianças precisam voltar a se relacionar, brincar, refazer laços e amizades, rever seus amigos. É hora de reflorir, recriar no novo tempo. O sol precisa tornar a brilhar!"

MOVIMENTO

Entregadores fazem segunda greve e pensam em criar cooperativa contra Apps



No último dia 25, ocorreu a segunda paralisação nacional do "Breque dos Apps" em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Vitória, Porto Alegre e Rio Branco. As mobilizações, que tiveram início no mês passado, reivindicam o básico do básico: o direito dos entregadores a receber um auxílio-alimentação enquanto estão trabalhando. Eles denunciam uma série de abusos e atrocidades feitas pelos grandes aplicativos.

As entregas podem render apenas R$ 2 aos entregadores, bloqueio do trabalho sem explicação, nenhum vínculo empregatício ou qualquer direito. Essa é a verdadeira face de empresas com Rappi, iFood, UberEats e outras.

Os entregadores reivindicam garantias mínimas para o trabalho. Exigem salário melhor e que seja garantida uma renda mínima mensal; redução da jornada; alimentação; assistência e segurança no trabalho, para o qual não recebem nenhum tipo de atendimento.

Outra proposta tem surgido no movimento: a fundação de uma cooperativa, com seu próprio aplicativo de entrega. Os entregadores têm buscado inspiração em cooperativas de entrega que já existem no exterior, embora, em geral, sejam ainda iniciativas recentes que contam com cerca de 20 a 30 trabalhadores apenas.



Elizeth Cardoso: diva, divina negra

WILSON HONÓRIO DA SILVA,
DA SEC. NACIONAL DE FORMAÇÃO DO PSTU

O que há em comum entre Elis Regina, Zezé Mota, Gal Costa, Maysa e Maria Bethânia, além de serem o que são? Todas elas são reconhecidas vindas de uma mesma divina-mãe: Elizeth Cardoso, cujo centenário de nascimento (16 de julho de 1920) está sendo comemorado.

Elizeth nasceu nos arredores do Morro da Mangueira, numa família mergulhada na musicalidade e na cultura negra de sua época. Seu pai, violeiro e seresteiro, era amigo de Tia Ciata (Hilária Batista de Almeida), a quase mítica cozinheira e mãe-pequena (iakekerê, ou segunda pessoa mais importante num terreiro de candomblé), cuja casa na Praça Onze se tornou nada menos do que o berço do samba e circulava com os bambas como Pixinguinha, Dilermando Reis e Jacob do Bandolim.

Sua mãe, tida pela própria Elizeth como sua primeira influência, era uma dona de casa que, como muitas de nosso povo, embalava os seis filhos e fazia os serviços domésticos cantando. Também como muitas crianças negras, Elizeth teve de abandonar os estudos ainda criança e, aos dez anos, em 1930, começou a trabalhar; primeiro, como vendedora de cigarros e balconista, depois numa fábrica de sabão e como cabeleira.

Sua primeira apresentação pública foi no rádio, aos 16 anos, quando, depois de ter sido vista cantando por Jacob do Bandolim em sua própria festa de aniversário, foi levada para o "Programa Suburbano", no qual ganhou imediatamente um contrato semanal e entrou em contato com Vicente Celestino, Araci de Almeida, Moreira da Silva, Noel Rosa e Marília Batista.

MULHER NEGRA, DIVINA E PODEROSA

O apelido "Divina" foi cunhado pelo jornalista Haroldo Costa em 1928, num artigo que elogiava o timbre de voz (ao mesmo tempo potente e suave) e o estilo da intérprete, que faziam com que ela transitasse divinamente pelo erudito e o popular e o fizesse em interpretações banhadas de sincera e profunda emoção.

Elizeth é daquelas artistas que merecem o codinome de "diva" também pelo seu temperamento e comportamento fora dos padrões. Assim que começou a carreira, iniciou um romance com ninguém menos que o "Diamante Negro" Leônidas da Silva (1913-2004).

Como recordou em uma entrevista em 1981, o pai, completamente avesso ao relacionamento, forçou uma ruptura "com uma vara de marmelo na mão". Elizeth, porém, não só manteve o namoro, como ousou ainda mais, passando a viver com Leônidas sem oficializar a relação, o que em plenos anos 1930 era muito mais que um escândalo.



O relacionamento tumultuado acabou quando Elizeth tomou outra atitude pra lá de inusitada para uma mulher de sua época, decidindo adotar, como "mãe solteira", uma criança que encontrou abandonada nas ruas. Um segundo relacionamento, também sem a benção do Estado ou da Igreja, foi com o músico Ari Valdéz, cujo término foi novamente ditado por Elizeth que, mesmo grávida, abandonou-o, cansada da combinação que persegue as mulheres: ciúme possessivo, recheado por traições constantes.

E mais uma vez Elizeth tomou as rédeas de sua vida. Rompendo com tudo que se esperava de uma mulher da época, não só aprendeu a dirigir como se tornou motorista de táxi. Isso tudo ao mesmo tempo em que cantava na noite e dançava com os clientes no Dancing Avenida.



A VOZ QUE ECOA A VIDA E ATINGE OS CÉUS

Sua carreira só deslanchou mesmo no início dos anos 1950, ao se envolver com o samba-canção, a vertente mais melódica do ritmo mais tradicional brasileiro, cujas influências – o bolero cubano, o tango latino e o jazz orquestral estadunidense – caíam como luvas em letras mergulhadas na fossa e ideais para curtir dor de cotovelo e dramas afins.

O sucesso foi finalmente conquistado depois de 1958, quando Elizeth emprestou sua divina voz para um disco que mudou a história da música brasileira, Canção do amor demais. O disco se tornou marco inaugural da bossa nova, com composições de Vinicius de Moraes e Antônio Carlos Jobim, no qual Elizeth é acompanhada (em duas faixas) por João Gilberto ao violão, com destaque para "Chega de saudade".

O sucesso, que veio aos poucos, levou Elizeth para o mundo, mas nunca tirou seus pés de perto do morro ou a fez olhar com desdém para o que estava ao seu redor. Em sua longa carreira, gravada em 44 discos, ela deu voz tanto para as "Bachianas", do maestro Villa-Lobos, quanto para Candeia, Paulinho da Viola, Cartola, Zé Keti e Élton Medeiros. Portelense "doente", amante do choro, interprete magistral de samba, também se envolveu com espetáculos musicais inovadores, como "Rosa de Ouro", com Clementina de Jesus e Aracy Cortes, e o politizado "Opinião", com Nara Leão.

Sua morte, em 7 de maio de 1990, lamentavelmente foi marcada pela dor depois da descoberta de um câncer, numa turnê no Japão. Mas as divas, verdadeiramente divinas, são eternas e sempre são lembradas pelos seus momentos de glória. E esses, felizmente, estão registrados e disponíveis até hoje.

LEIA NO SITE:
HTTPS://BITYLI.COM/HSNBI